

CRUZ E SOUSA/O POETA DO DESTERRO

Roteiro de Sylvio Back

Colaboração Rodrigo de Haro

PRÓLOGO

Interior. Dia/Noite. Vagão de carga.

Vagão de transporte de gado, semi-aberto. Trem em movimento. A paisagem corre rápida ao fundo da silhueta de CRUZ E SOUSA (um negro ativo de 36 anos), de paletó puído e calçado, que jaz inerte sobre capim seco e serragem, a cabeça recostada no colo grávido de sua mulher GAVITA (uma bela negra de 30 anos), totalmente desvairada, chorando. Cruz e Sousa, zangue brilhando nos lábios, os olhos esgazeados fixam o nada. Gavita, num gesto mecânico reiteradamente tenta ajeitar um paletó e gravata inexistentes, com os dedos penteia seus cabelos, mexe nervosa nos seus braços e ajeita as mãos. O cadáver é o de um homem maltratado, esgotado. A cena é patética pela solidão e pelo insólito do ambiente, às vezes invadido pela fumaça do trem. Tem-se a nítida impressão que Cruz e Sousa, na verdade, não está morto. Uma luz gélida, como se fora da lua, começa a banhar o poeta e sua mulher, e acaba assumindo o lugar do horizonte. Personagens que aparecerão no desenrolar do filme, tendo atrás de si cavalos, assistem àquele improvisado velório: as pequenas atrizes, as três brancas, JULIETA DOS SANTOS (12 anos) e GEMMA CUNEBERTI (10 anos), a violonista-mirim GIULETTA DIONESI (12 anos) que toca seu instrumento, a noivadozela PEDRA ANTIÓQUIA (uma esguia negra de 17 anos), os velhos pais GUILHERME e CAROLINA (ex-escravos, ambos com mais de 70 anos), os amigos e escritores, todos brancos, NESTOR VÍTOR, ARAÚJO FIGUEIREDO, OSCAR ROSAS, MAURÍCIO JUBIM (que aparece desenhando o rosto de Cruz e Sousa à morte), VIRGÍLIO VÁRZEA e TIBÚRCIO DE FREITAS (todos em torno dos 30/35 anos). Sobrepondo-se à cena seleta do poema "Antífona", a maioria *Off Screen* (O.S. - o ator está na cena mas não focalizado pela câmara), algumas estrofes às vezes são balbuciadas pelo "morto" e repetidas por um e outro, depois em coro, pelos presentes..

(segue)

Cruz e Sousa

Ó Formas alvas, brancas, Formas claras
De luars, de neves, de neblinas!..
Ó Formas vagas, fluidas, cristalinas...
Incensos dos turíbulos das aras...

Coro (O.S.)

Formas do Amor, consteladamente puras,
De Virgens e de Santas vaporosas...
Brilhos errantes, mádidias frescuras
E dolências de lírios e de rosas...

Cruz e Sousa

Forças originais, essência, graça
De carnes de mulher, delicadezas...
Todo esse eflúvio que por ondas passa
Do Éter nas róseas e áureas correntezas...

Nestor Vitor
Flores negras do tédio e flores vagas

Araújo Figueiredo
De amores vãos, tantálicos, doentios

Oscar Rosas
Fundas vermelhidões de velhas chagas

Virgílio Várzea
Em sangue, abertas, escorrendo em rios...

Coro (O.S.)
Tudo! Vivo e nervoso e quente e forte,
Nos turbilhões quiméricos do Sonho,
Passe, cantando, ante o perfil medonho
E o tropel cabalístico da Morte...

LETREIROS

Seqüência II

Interior. Noite. Terreiro de candomblé.

Surge o ator que interpreta Cruz e Sousa defronte a um espelho de camarim, preparando-se para entrar em cena. Ele ensaia os versos, repetindo-os, do poema que dirá adiante. Pelo reflexo do espelho, o vislumbre de um terreiro de candomblé. Cercado de filhos de santos (homens e mulheres paramentados), Cruz e Sousa, de calça e camisa brancas, o corpo respingado de sangue, é submetido a uma sessão de passes. Tambores, atabaques, incenso, velas, flores - o pequeno terreiro é de chão batido, o ambiente é de nítida pobreza. Sentado defronte ao babalorixá (pai de santo), Cruz e Sousa acompanha os búzios que são jogados para ele. Não há público presente. Mas o clima é de comunhão. Cruz e Sousa parece estar entrando em transe. A idéia é a do ator em busca do personagem. Ouvem-se estrofes do poema "O Assinalado", seguidas de fala do babalorixá:

Cruz e Sousa
Tu és o louco da imortal loucura,
O louco da loucura mais suprema.
A Terra é sempre a tua negra algema,
Prende-te nela a extrema Desventura.

Tu és o Poeta, o grande Assinalado
Que povoas o mundo despovoado,
De belezas eternas, pouco a pouco.

Na natureza prodigiosa e rica
Toda a audácia dos nervos justifica
Os teus espasmos imortais de louco!

Babalorixá
"João, meu filho, o babalaô falou
através de Ifá (adivinho), que nenhum
sofrimento nesta vida é vão. Nenhuma

lágrima se perde. A vida humana, João, é apenas uma preparação para a verdadeira vida. Não há uma lágrima que Deus não veja, João. Quem não chora a sua lágrima secreta? Deus as guarda por toda a eternidade. Assim, João, tirarás da dor e do sofrimento a riqueza e a grandeza de teus poemas. Que os orixás, João, te dêem forças pelas provações e pela tua caminhada nesta vida. Que todas as forças benéficas te abençoem, meu filho. E que Olorum te dê paz e tranqüilidade nos teus caminhos. Axé."

Sobre as imagens do ator em transe, surge escrito na tela este pequeno esboço biográfico do personagem.

Texto

Filho de escravos alforriados, João da Cruz e Sousa nasceu em 1861, na cidade de Nossa Senhora do Desterro, atual Florianópolis (SC).

Criado pela família do senhor dos pais, recebe educação e cultura de corte europeu.

Cedo Cruz e Sousa enfrenta o preconceito na ilha de Santa Catarina, que não reconhece o seu brilho pessoal nem o talento de escritor e poeta.

Como "ponto" da companhia teatral de Julieta dos Santos, e participando de campanhas abolicionistas, viaja por todo o país.

Aos 29 anos, rompendo longo noivado com Pedra Antióquia, muda-se para o Rio de Janeiro.

(segue)

Texto (cont.)

Em 1893 Cruz e Sousa tem publicados os livros "Missal" e "Broquéis", este, de poemas, é a pedra fundamental do Simbolismo no Brasil.

Ironicamente vê crescerem

a segregação racial e social,
e a inveja do poder literário
da época.

Casa-se com Gavita Rosa
Gonçalves, mãe de seus
quatro filhos, e cujos meses
de loucura marcam a vida e
a arte do poeta.

Pobre e tuberculoso, busca
cura em Sítio (MG), onde
acaba morrendo em 19 de
março de 1898 aos 36 anos.

Ao despedir-se do amigo e
poeta Nestor Vitor entrega
os originais de "Evocações",
"Faróis" e "Últimos Versos"
- publicados postumamente.

O corpo de Cruz e Sousa
volta ao Rio de Janeiro num
vagão de transportar gado.

Seqüência III

Interior. Noite. Teatro.

Vemos Cruz e Sousa dentro da caixa do "ponto" de um palco de teatro, cujo público não aparece, apenas ouve-se o seu burburinho. Em cena uma menina "artisticamente" esfarrapada, grilhões rotos nos pulsos e tornozelos, nas mãos um pássaro negro empalhado, recita o poema "O Melro", de Guerra Junqueiro. É JULIETA DOS SANTOS, uma atriz precoce que por meses perturba o jovem Cruz e Sousa. Enquanto ela fala, o poeta apenas move os lábios, como que recitando o poema para si.

Julieta dos Santos
"Quanta dor, quanto amor, quantos carinhos,
Quanta noite perdida
Nem eu sei...
E tudo, tudo em vão!

.....
Filhos da minha vida
Filhos do coração!!!...
Não bastaria a natureza inteira,
Não bastaria o céu para voardes,
E prendem-vos assim desta maneira!...
Covardes!

.....
A luz, a luz, o movimento insano,
Eis o aguilhão, a fé que nos abrasa...
Encarcerar a asa
É encarcerar o pensamento humano.

.....
Falta-me a luz e o ar!... Oh, quem me dera

Ser abutre ou ser fera
Para partir o cárcere maldito!
E como a noite é límpida e formosa!
Nem um ai, nem um grito...
Que noite triste! oh noite silenciosa!..."

Enquanto Julieta dispensa o seu auxílio nos diálogos, Cruz e Sousa parece desvesti-la com os olhos. A câmara esmiuça o corpo, os gestos e fixa-se nos lábios, nos calcanhares, nas dobras da semi-encoberta cintura de Julieta, que inocentemente flerta com seu admirador. Cruz e Sousa não consegue disfarçar o fascínio e lhe endereça estrofes de sonetos (sem título) dedicados à ela e do poema "Julieta dos Santos".

Cruz e Sousa
É delicada, suave, vaporosa,
A grande atriz, a singular feitura...

(segue)
Cruz e Sousa (cont.)
É linda e alva como a neve pura,
Débil, franzina, divinal, nervosa...
.....
Esse teu busto, a genial cabeça
Tão bem talhada
E burilada
.....
Quando apareces tudo ri e chora,
Se endeusa, agita,
Como que palpita
.....

Julieta dos Santos agora tem nas mãos uma bíblia que, ao final da estrofe que declama, a atira em direção à platéia que estaria assistindo ao espetáculo.

Julieta dos Santos
"Meus filhos, a existência é boa
Só quando é livre. A liberdade é a lei,
Prende-se a asa, mas a alma voa...
Ó filhos, voemos pelo azul!... Comei..."
.....
Há mais fé e há mais verdade,
Há mais Deus com certeza
Nos cardos secos dum rochedo nu
Que nessa bíblia antiga... Ó natureza,
A única bíblia verdadeira és tu!..."

Ao terminar, surge à frente dela Cruz e Sousa, que lhe faz uma inequívoca declaração de paixão, deixando-a ainda mais coquete.

Cruz e Sousa
Quando apareces, fica-se impassível
E mudo e quedo, trêmulo, gelado!...
Quer-se ficar com atenção, calado,
Quer-se falar sem mesmo ser possível!...

Tudo emudece na natura imensa
Desde nos campos
Os pirilampos

(segue)
Cruz e Souza (cont.)
Até as grimpas colossais do céu!...
Tudo emudece e até eu JULIETA,
Já delirante
Vou vacilante
Cair-te aos pés como um servil, um réu!!!

Seqüência IV

Exterior. Noite. Praia.

A beira mar, Julieta dos Santos, encimada num andor, é carregada por um pequeno cortejo de admiradores, alguns portando archotes, dentre eles, Virgílio Várzea, Araújo Figueiredo e Oscar Rosas. O feérico cortejo corre pela praia da ilha do Desterro como um balé. Andando ao lado de Julieta, Cruz e Sousa lhe endereça os versos do poema "Aspiração", que ela retribui com enlevados sorrisos:

Cruz e Sousa
Tu és a estrela e eu sou o inseto triste!
Vives no Azul, em cima nas esferas,
No centro das risonhas primaveras
Onde por certo o amor eterno existe.

E nem de leve a glória vã me assiste
De erguer o vôo às olímpicas quimeras
Do teu brilho ideal, lá onde imperas
Nesse esplendor a que ninguém resiste.

Enquanto tu fulgires nas alturas
Eu errarei nas densas espessuras,
Da terra sobre a rigidez de asfalto.

Embalde o teu clarão me enleva e clama!
Mas como a ti voarei, se, senti a chama,
Sou tão pequeno e o céu tão alto?

Seqüência V

Exterior. Entardecer/Noite. Praia.

Cercado por um corredor constituído de uma dezena de pequenos sofisticados castelos de areia, vemos Cruz e Sousa, (de paletó, gravata, colete, sapatos), estatelado à beira-mar numa praia deserta. Estranhamente, Cruz e Sousa está de olhos fechados como se fora um cego. No final dos castelos, observando a cena de cima com um olhar sedutor, MULHER SEMI-NUA, branca e ruiva (em torno dos 20/25 anos) parece constituir-se no alvo de Cruz e Sousa. Com ar desolado, ele tenta se mover feito um caranguejo por entre a estranha arquitetura que se ergue à sua frente. À medida que se agita, com os braços, mãos, pernas e pés vai destruindo as frágeis construções de areia. Ouvem-se os estrofes dos poemas "Regina Coeli", "Papoula" e "Alda".

Cruz e Sousa
Ó Virgem branca. Estrela dos altares,
Ó Rosa pulcra dos Rosais polares!

Branca, do alvor de âmbulas sagradas
E das níveas camélias regeladas.

Das brancuras de seda sem desmaios
E da lua de linho em nimbo e raios.

.....
Assim loura és mais formosa
Do que se fosses trigueira:
Corpo de eflúvios de rosa
Com esbeltez de palmeira.

.....
Do teu branco leque aberto
Que lembra uma asa de garça,
Aspiro um perfume incerto,
Talvez a tua alma esparsa.

.....
Alva, do alvor das lípidas geleiras,
Desta ressumbra candidez de aromas...
Parece andar em nichos e redomas
De Virgens medievais que foram freiras.

Corta para Cruz e Sousa exangue e desnudo deitado na areia da praia. Sobre ele debruça-se languidamente a mulher ruiva e branca da cena anterior. Ela põe-se a acariciá-lo enquanto lhe diz o poema "Afra", que ele em voz *Off Screen* ensaia um dueto.

Cruz e Sousa/Mulher semi-nua
Ressurges dos mistérios da luxúria
Afra, tentada pelos verdes pomos,
Entre os silfos magnéticos e os gnomos
Maravilhosos da paixão púrpura.

Carne explosiva em pólvoras e fúria
De desejos pagãos, por entre assomos
Da virgindade - casquinantes momos
Rindo da carne já votada à incúria.

Votada cedo ao lânguido abandono,
Aos mórbidos delíquios como ao sono,
Do gozo haurindo os venenosos sucos.

Sonho-te a deusa das lascivas pompas,
A proclamar, impávida, por trompas,
Amores mais estéreis que os eunucos!

Seqüência VI

Interior/Exterior. Dia. Casa.

Debruçada na janela (ao fundo só aparecem sombras se movimentando dentro da casa) vê-se PEDRA ANTIÓQUIA, uma bela e sensual jovem negra, de mãos dadas com Cruz e

Sousa, que está na rua. Eles se beijam furtivamente. Em resposta aos sorrisos dela, Cruz e Sousa lhe sussurra o poema “Flor do Mar”:

Cruz e Sousa
És da origem do mar, vens do secreto,
Do estranho mar espumoso e fio
Que põe rede de sonhos ao navio,
E o deixa balouçar, na vaga, inquieto.

Cruz e Sousa (cont.)
Possuis do mar o deslumbrante afeto,
As dormências nervosas e o sombrio
E torvo aspecto aterrador, bravo
Das ondas no atro e proceloso aspecto.

Num fundo ideal de púrpuras e rosas
Surges das águas mucilaginosas
Como a lua entre a névoa dos espaços...

Trazes na carne o eflorescer das vinhas,
Auroras, virgens músicas marinhas,
Acre aromas de algas e sargaços...

Quando Cruz e Sousa tenta abraçá-la, Pedra Antióquia põe-se a cantar em iorubá no ouvido dele a "Cantiga dos Amantes".

Pedra Antióquia
Se você quiser ser meu amado
Pergunte primeiro à sua cabeça

Se você quer casamento
Pergunte primeiro à sua cabeça

Se você quiser ter dinheiro
Pergunte primeiro à sua cabeça

Se você quer construir uma casa
Pergunte primeiro à sua cabeça

Se você quiser ser feliz
Pergunte primeiro à sua cabeça

Oh! cabeça! Cabeça faça coisas boas chegarem a mim!
Ao seu lado sou seu bem-estar, suplicando
Fazendo-me sentir bem com a sorte
Minha sorte é meu querido esposo!...

Seqüência VII

Exterior/Interior. Noite. Jardim/Casa.

Nas proximidades de um casarão, atraído pelo som de uma música, Cruz e Sousa espiona através da janela uma menina tocando piano, tendo ao seu lado a mãe tão bela e alva quanto ela. Trata-se da pianista GEMMA CUNIBERTI, outra paixão adolescente e secreta do poeta. Como se a câmara interpretasse seu desejo, vemos a menina pelo olhar dele. Temendo ser descoberto, não ousa chegar

mais perto. Enlevado, Cruz e Sousa fecha os olhos. Ouve-se o poema "Magnólia dos Trópicos" em *Voice Off* (V.O. - a voz em *off* do personagem (monólogo interior)).

Cruz e Sousa (V.O.)

.....
O teu colo pagão de virgens curvas finas
é o mais imaculado e flóreo dos altares,
onde eu vejo elevar-se eternamente aos ares
viáticos de amor e preces diamantinas.

Abre, pois, para mim, os teus braços de seda
e do verso através a límpida alameda,
onde há frescura e sombra e sol e murmurejo;

Vem! com a asa de um beijo à boca palpitando,
no alvoroço febril de um pássaro cantando,
vem dar-me a extrema-unção do teu amor num beijo.

Seqüência VIII

Exterior. Dia. Farra do Boi.

Seleta de filmes de arquivo e fotos, de vários anos, mostrando a "Farra do Boi" em Santa Catarina. Imagens do boi sendo perseguido e maltratado serve tanto como metáfora da própria vida do poeta e dos negros escravos e depois libertos, como o seu engajamento nas lutas abolicionistas. Interpretado por Cruz e Sousa ouvem-se em *off* estrofes do poema "Escravocratas". Na trilha, sons de açoites e gritos de dor, choro de crianças e mulheres.

Cruz e Sousa (V.O.)

Escravocratas!

Oh! trânsfugas do bem que sob o manto régio
Manhosos, agachados - bem como um crocodilo,
Viveis sensualmente à "luz" dum privilégio
Na "pose" bestial dum cágado tranqüilo.

Escravocratas!

Eu rio-me de vós e cravo-vos as setas
Ardentes do olhar - formando uma vergasta
Dos raios mil do sol, das iras dos poetas,
E vibro-vos à espinha - enquanto o grande basta

O basta gigantesco, imenso, extraordinário -
Da branca consciência - o rútilo sacrário
No tímpano do ouvido - audaz me não soar.

Escravocratas!

Eu quero em rude verso altivo adamastórico,
Vermelho, colossal, d'estrépito, gongórico,
Castrar-vos como um touro - ouvindo-vos urrar!
Castrar-vos como um touro - ouvindo-vos urrar!
Castrar-vos como um touro - ouvindo-vos urrar!

Seqüência IX

Interior. Dia/Noite. Fundo infinito.

A cena é tomada por um superclose de Cruz e Sousa e do seu amigo Virgílio Várzea, em cujos olhos reflete-se uma espécie de fogo fátuo. Ambos dramatizam o texto de uma carta. Virgílio Várzea como que advinha as palavras de Cruz e Sousa.

Cruz e Sousa

"Adorad o Virgílio, estou em maré de enjôo e mentalmente fatigado..."

Virgílio Várzea

Fatigado de tudo, de esperar sem fim por acessos na vida, que nunca chegam. Estou fatalmente condenado à miséria e à sordidez...

Cruz e Sousa

Não há por onde seguir. Todas as portas e atalhos fechados ao caminho da vida, e, para mim, pobre artista ariano, ariano sim porque adquiri, por adoção sistemática, as qualidades altas dessa grande raça...

Virgílio Várzea

... para mim, que sonho com a torre de luar da graça e da ilusão, tudo vi escarnecedoramente, diabolicamente, num tom grotesco de ópera bufa.

Cruz e Sousa

Quem me mandou vir cá abaixo à terra arrastar a calceta da vida! Procurar ser elemento entre o espírito humano? Para que? Um triste negro, odiado pelas castas cultas, batido das sociedades, mas sempre batido, escorraçado de todo o leito, cuspidado de todo o lar como um leproso sinistro! Pois como! Ser artista com esta cor!"

Terminado o poema, a câmara revela que o que parecia um fogo fátuo são rolos de filme queimando.

Seqüência X

Interior. Dia. Oficina de jornal/Academia.

Na oficina de um jornal, vendo-se ao fundo paisagens ampliadas de cartões postais do Rio de Janeiro (início da década de 1890), caracteres vão manualmente formando palavras, os tipos gráficos da imagem ao vivo se transformam em títulos de jornais da

época. Numa das manchetes lê-se “Fundadores da Academia Brasileira de Letras vetam Cruz e Souza”. E no texto: “Até escritor inédito integra a recém-criada Academia de Letras.” Sob o olhar ferino e sarcástico de Cruz e Sousa, seus fiéis amigos Nestor Vítor, Oscar Rosas, Araújo Figueiredo, Virgílio Várzea encenam um triolé (versos irônicos, então muito populares). Abraçados ou sozinhos, todos individualmente ou em coro falam diretamente à câmara. Entrecortando a pantomima, herma de Machado de Assis com uma nevasca de pó de arroz caindo sobre a sua cabeça.

Virgílio Várzea
Machado de Assis, assás,
Machado de assás, Assis;

Araújo Figueiredo
Oh! Zebra escrita com giz,
Pega na pena faz “zás”,

Nestor Vítor
Sae-lhe o “Borba” por um triz.
Plagiário de “Gil Blaz”,

Virgílio Várzea
Que, de Le Sage por trás,
Banalidades nos diz,

Oscar Rosas
Pavio que arde sem gaz,
Carranca de chafariz,

Nestor Vítor
Machado de Assis assás,
Machado de assás, Assis.

Seqüência XI

Interior. Dia. Sala de estar.

Numa sala de estar, Nestor Vítor lê para Virgílio Várzea que, com Oscar Rosas, Araújo Figueiredo, Tibúrcio de Freitas e Maurício Jubim alterna as estrofes, poema publicado na imprensa que agride Cruz e Sousa. À medida que ouvem os versos, sentem-se ofendidos pelo amigo que, inicialmente, parecia ausente, mas aos poucos a câmara vai surpreendê-lo acabrunhado no canto da sala.

Nestor Vítor
Queridos amigos, ouçam este soneto
com o nome do nosso Cruz invertido
publicado hoje na “Gazeta de Notícias”
ironizando o seu vocabulário...
Por que tanta inveja e humilhação?

Depois de sentir a reação dos presentes, Nestor Vítor põe-se a ler o poema, mas antes enfatiza seu título que é “Na Costa d’África”:

Nestor Vítor
“Flava, bizarra, álaque e cintilante,

Na Epopéia de rufos de tambores,
Surge a manhã dos místicos vapores,
Do Levante irial, purpurejante...

Virgílio Várzea

Gargalha o sol, - o Deus enamorante,
Cristais brunindo e rútilos fulgores
Na comunhão dos rubros esplendores,
N'África rude, bárbara, distante.

Oscar Rosas

E vinha então, torcicolosamente,
Numa dança macabra a turba ardente
De pretinhos a rir, trajando tanga...

Araújo Figueiredo

Festa convulsa, exata d'Alegria,
Fandangos, Bonzos - tudo enfim havia;
Missais, Broquéis, Pipocas, Bugigangas..."

Seqüência XII

Interior. Noite. Cartão postal.

Corta para Cruz e Sousa defronte a cartão agigantado onde se vê rosto de africano rindo. Dramatiza o poema "Ódio Sagrado":

Cruz e Sousa

Ó meu ódio, meu ódio majestoso,
Meu ódio santo e puro e benfazejo,
Unge-me a fronte com teu grande beijo,
Torna-me humilde e torna-me orgulhoso.

Humilde, com os humildes generoso,
Orgulhoso com os seres sem Desejo,
Sem bondade, sem Fé e sem lampejo
De sol fecundador e carinhoso.

Ó meu ódio, meu lábaro bendito,
Da minh'alma agitado no infinito,
Através de outros lábaros sagrados.

Ódio são, ódio bom! sê meu escudo
Contra os vilões do Amor, que infamam tudo,
Das sete torres dos mortais Pecados!

Seqüência XIII

Interior. Dia. Capela.

Numa pose solene, desviando o olhar da câmara, e reproduzindo a foto clássica de Cruz e Sousa, surge elegantemente trajado o ator que interpreta o poeta, que traz uma coroa de louros encimando a cabeça. Ao sopé do quadro ardem velas sobre o

simulacro de um pequeno altar onde se vêem os livros póstumos “Evocações”, “Faróis”, “Últimos Sonetos” e “O Livro Derradeiro” empilhados junto a ramos de flores silvestres. A cera, à medida que vai escorrendo, funde-se a vários dorsos desnudos, negros e brancos, que se movimentam num balé formando versos dos poemas e autógrafo de Cruz e Souza. Sobre elas se sobrepõem as estrofes do poema “Encarnação” ditas por Cruz e Souza, que assume a totalidade da tela.

Cruz e Sousa

Carnais, sejam carnis tantos desejos,
Carnais, sejam carnis tantos anseios,
Palpitações e frêmitos e enleios,
Das harpas da emoção tantos arpejos...

.....

Sejam carnis todos os sonhos brumos
De estranhos, vagos, estrelados rumos
Onde as Visões do amor dormem geladas...

Sonhos, palpitações, desejos e ânsias
Formem, com claridades e fragrâncias,
A encarnação das lívidas Amadas!

Seqüência XIV

Exterior. Entardecer. Rio de Janeiro.

Cruz e Souza e GAVITA saem de uma igreja nos arredores do Rio de Janeiro, em explícita atitude de namorados. Conversam à voz baixa. Cruz e Souza fala (textos extraídos de cartas do poeta) meditando sob o olhar ora admirado ora perdido de Gavita. Outras vezes ambos se encaram mudos, apaixonados.

Cruz e Sousa

Quando estou a teu lado, Gavita,
esqueço-me de tudo, das ingratidões, das
maldades e só sinto que os teus olhos me
fazem morrer de prazer (...)

Gavita

A todas as horas o meu pensamento
voa para onde tu estás, vejo-te sempre,

Gavita (cont.)

sempre e nunca me esqueço de ti em
toda a parte onde estou. És a minha
preocupação constante, o meu desejo
mais forte, a minha alegria mais do
coração.

Cruz e Sousa

Sabes quanto eu te amo, quanto eu te
quero do fundo do meu sangue sobre
todas as mulheres do mundo. Fico
sempre alegre, contente, cheio de
orgulho, quanto te posso dizer que sou
e serei sempre teu, que hei de amar-te
até a morte, enchendo-te dos carinhos,

das amabilidades, dos extremos, das distinções que só a ti eu quero dar, idolatrada Gavita, adorável criatura dos meus sonhos, dos meus cuidados e pensamentos.

Seqüência XV

Interior. Dia. Quarto.

Corta para Gavita, deitada semi-nua num alvo leito nupcial com ricos arranjos florais. Discreta mancha de sangue feita de cera também colore a cena. Toda enlevada, balbucia as palavras de uma carta de Cruz e Sousa a ela.

Gavita

Amo-te, amo-te muito, com todo o meu sangue e com todo o meu orgulho e o meu desejo poderoso é unir-me a ti, viver nos teus braços, protegido pela tua bondade pura, pelas tuas graças que eu adoro, pelos teus olhos que eu beijo.

Seqüência XVI

Interior. Noite. Quarto.

Corta para o cenário anterior do leito nupcial, agora apenas iluminado com longas velas, o que empresta ao quadro uma visível aura de romantismo. Gavita, tendo Cruz e Souza nos braços, sussurrando diz o poema “Grande Amor”. Nas duas últimas estrofes, Cruz e Sousa fala em coro com ela.

Gavita

Grande amor, grande amor, grande mistério
Que as nossas almas trêmulas enlaça...
Céu que nos beija, céu que nos abraça
Num abismo de luz profundo e sério.

Eterno espasmo de um desejo etéreo
E bálsamo dos bálsamos da graça,
Chama secreta que nas almas passa
E deixa nelas um clarão sidério.

Gavita/Cruz e Sousa

Cântico de anjos e arcanjos vagos
Junto às águas sonâmbulas de lagos,
Sob as claras estrelas desprendido...

Selo perpétuo, puro e peregrino
Que prende as almas num igual destino,
Num beijo fecundado num gemido.

Seqüência XVII

Interior. Amanhecer. No mesmo quarto.

Cruz e Sousa acorda Gavita falando suavemente nos seus ouvidos. Enquanto suas palavras fluem compassadamente, Gavita abre os olhos, sorri e o cinge com carinho.

Cruz e Sousa
Só tu és a Rainha do meu amor,
só tu mereces meus beijos e os meus
abraços (...). Só tu és merecedora de
que eu te ame muito, como te amo,
muito, muito, muito e cada vez mais,
com mais firmeza, sempre fiel, sempre
teu escravo bom e agradecido, fazendo
de ti minha estrela, a esposa santa,
a adorada companheira dos meus dias...

Seqüência XVIII

Exterior. Dia. Cemitério cenográfico.

Sentado sobre túmulo enfeitado com arabescos e figuras nitidamente de inspiração simbolista, e tendo ao fundo painel pintado que situa a cena nas proximidades de uma igreja, Cruz e Sousa medita. Cruz e Sousa, visivelmente deprimido, num tom exclamatório, dramatiza versos do poema "Vida Obscura".

Cruz e Sousa
Ninguém sentiu o teu espasmo obscuro,
Ó ser humilde entre os humildes seres.
Embriagado, tonto dos prazeres,
O mundo para ti foi negro e duro.

Atravessaste num silêncio escuro
A vida presa a trágicos deveres
E chegaste ao saber de altos saberes
Tornando-te mais simples e mais puro.

Ninguém te viu o sentimento inquieto,
Magoado, oculto e aterrador, secreto,
Que o coração te apunhalou no mundo.

Mas eu que sempre te segui os passos
Sei que cruz infernal prendeu-te os braços
E o teu suspiro como foi profundo!

Seqüência XIX

Exterior. Dia. Sala.

O cadáver, vestido de branco, do velho pai Guilherme encontra-se estendido numa tosca cama coberto por um lençol branco. À cabeceira da cama, a mulher dele, Carolina, embrulhada como uma múmia (ela já está morta). O ambiente está vazio. A única luz são algumas velas acesas. Trechos da prosa poética "Abrindo Fêretros" (Carolina e Guilherme) são murmurados por Cruz e Sousa e Carolina.

Cruz e Sousa

.....
Sim! Criatura dos Anjos que, no entanto,
o Inferno possuiu e por fim acabou por
estrangular! Coração sangrante! Ser do
meu ser! Os outros seres (...) nunca
saberão, melancolicamente não, nunca,
que hóstia sanguinolenta e travorosa
deram-te a comungar na Vida,...

Assumindo a voz de Cruz e Sousa, com as lágrimas escorrendo pelo rosto, Carolina continua dizendo o poema em prosa.

Carolina

... que pão tenebroso de Páscoa de
lágrimas deram-te a devorar, que cálix
de vinho letal, alucinante, sugado
ao fel das chagas e das gangrenas
propinaram-te à boca verminada
pelo primeiro beijo de amor, quando
tu tinhas as fomes e as sedes...

Cruz e Sousa

... vorazes, cegas, desesperadas do
Não-Ser, quando aspiravas às formas
celestes, quando sentias, apesar da
tua inocuidade de poeira mas, talvez!,
poeira de algum divino astro diluído,
o insaciável desejo de abranger Infinitos.

Carolina (repete)

... quando aspiravas às formas celestes,
quando sentias, apesar da tua inocuidade
de poeira mas, talvez!, poeira de algum
divino astro diluído, o insaciável desejo
de abranger Infinitos.

Agora a câmara começa lentamente a "sobrevoar" a cama e a mulher, vendo-se ao fundo, como se não pudesse chegar perto, a figura de Cruz e Sousa.

Cruz e Sousa

.....
..
Eu, longe que andava, ausente do teto
e onde exalaste o derradeiro gemido,
não te pude ver no belo desdém,
tranqüilo da morte às vaidades da vida.
Não te fui fechar os olhos,
compungidamente, com a delicadeza amorável das
minhas mãos trêmulas,
nem passar para eles, em fluidos
ardentes, o magoado adeus dos
meus olhos. Não te pude dizer,
de manso, bem junto aos meus olhos

e coração moribundo, com toda
a volúpia da minha dor, as untuosas
e extremas palavras da separação,
as coisas inefáveis e gementes
no dilacerante momento em que
nossos braços abandonam para
nunca mais apertar, os amados braços
que já estão vencidos, entregues
ao renúncia de tudo e que
nós tanto e tão acariciadamente
apertamos. Mas nada importa
a Vida e nada importa a Morte!

Na mesma cena, imerso na escuridão, vela ao fundo, Cruz e Sousa, ainda com réstias de lágrimas brilhando sob os olhos, primeiro em silêncio, repentinamente encarando a câmara, fala trechos da prosa "Obsessão da Noite":

Cruz e Sousa

.....
Esse luto, essa noite, essa treva é
o que desejo. Treva deliciosa que me
anule entre a degenerescência dos
sentimentos humanos. Treva que me
disperse no caos, que me eterifique,
que me dissolva no vácuo, como
um som noturno e místico de
floresta, como um vôo de pássaro
errante. Treva, sem fim, que seja
o meu manto sem estrelas, que
eu arraste indiferente e obscuro
pelo mundo afora, arredado dos
homens e das coisas, confundido
no supremo movimento da
natureza, como um ignorado braço
do ruim que através de profundas
selvas escuras vai sombria e
misteriosamente morrer no mar...

Seqüência XX

Interior/Exterior. Dia/Noite. Estúdio.

Encadeamento de "portraits" com uma série de travestis preferencialmente negros e mulatos, entrecortados com fotos de violência urbana contra eles. Em *off* a voz de Cruz e Sousa diz o poema "Litania dos Pobres". Nenhuma cena deve coincidir com palavras e imagens criadas no poema.

Cruz e Sousa (V.O)

Os miseráveis, os rotos
São as flores dos esgotos.

São espectros implacáveis
Os rotos, os miseráveis.

São prantos negros de furnas
Caladas, mudas, soturnas.

São os grandes visionários
Dos abismos tumultuários.

(segue)

Cruz e Sousa (V.O.) (cont.)
As sombras das sombras mortas
Cegos, a tatear nas portas.

Procurando o céu, aflitos
E varando o céu de gritos.

Faróis à noite apagados
Por ventos desesperados.

Ó pobres! Soluços feitos
Dos pecados imperfeitos!

Imagens dos deletérios,
Imponderáveis mistérios.

Bandeiras rotas, sem nome,
Das barricadas da fome.

Ó pobres! o vosso bando
É tremendo, é formidando!

Que as vossas almas trevosas
Vêm cheias de odor das rosas.

Que por entre os estertores
Sois uns belos sonhadores.

Seqüência XXI

Exterior. Noite. Praia.

Como se fora um cão uivando para a lua, um Cruz e Sousa silhuetado encara uma lua *fake* intensamente clara para estabelecer o contraste entre sua negritude e a brancura dela. Diz trechos da prosa poética "Asco e Dor".

(segue)

Cruz e Sousa

Dor e asco d'essa salsugem de raça
entre as salsugens das outras raças.
Dor e asco d'essa raça da noite,
noturnamente amortalhada, d'onde
eu vim através do mistério da célula....

.....

.

Dor e asco d'esse apodrecido e letal paul de
raça que deu-me este luxurioso
orgão nasal que respira com ansiedade

Ah! nunca mais florescerás?!

Ao teu esquálido esqueleto,
Que tinha outrora de uma flor
A graça e o encanto do amuleto;
Ao teu esquálido esqueleto
Não voltará novo esplendor?!

Gavita movimenta-se de um lado para o outro como uma bailarina imaginária. Tem os cabelos despenteados, braços amarrados dentro de um roto guarda-pó. Estranhamente emite sons que ficam entre o choro e uma inaudível cantoria. Cheio de compaixão, no entanto, Cruz e Sousa sente-se impotente para socorrê-la. Com o rosto debruçado sobre o dela, e ambos enchendo a tela, Cruz e Sousa põe-se a murmurar o poema “Ressurreição”.

Cruz e Sousa

Alma! Que tu não chores e não gemas,
Teu amor voltou agora.
Ei-lo que chega das mansões extremas,
Lá onde a loucura mora!

.....
Não sinto mais o teu sorrir macabro
De desdenhosa caveira.
Agora o coração e os olhos abro
Para a Natureza inteira!

Negros pavores sepulcrais e frios
Além morreram com o vento...
Ah! Como estou desafogado em rios
De rejuvenescimento!

.....
Porém tu, afinal, ressuscitaste
E tudo em mim ressuscita.
E o meu Amor, que repurificaste,
Canta na paz infinita!

Pelas reações de Gavita, parece que ela vai conseguindo sair da “loucura”. Com um sorriso nos lábios, Gavita põe-se a cantar a modinha “Desde o dia”, de Domingos Caldas Barbosa.

Gavita

"Desde o dia,
Em que eu nasci,
Naquele funesto dia
Vejo bafejar-me ao berço
A cruel melancolia

Fui crescendo
E nunca pude
Ver a face da alegria
Foi sempre a minha herança
A cruel melancolia."

O rosto antes entristecido do poeta começa a transmitir uma grande alegria interior. Lentamente Gavita se acalma e ambos se abraçam chorando.

Seqüência XXIV

Interior. Noite. Estúdio.

Os amigos Nestor Vítor, Araújo Figueiredo, Virgílio Várzea e Oscar Rosas aparecem debruçados sobre um imaginário Cruz de Sousa já adoentado, que depois surge deslizando pelos manguezais dentro de uma canoa. Ouvem-se versos do poema "Violões que Choram".

Cruz e Sousa (V.O.)

Ah! plangentes violões dormentes, mornos,
Soluços ao luar, choros ao vento...
Tristes perfis, os mais vagos contornos,
Bocas murmurejantes de lamento.

Araújo Figueiredo

Quando os sons dos violões vão soluçando,
Quando os sons dos violões as cordas gemem,
E vão dilacerando e deliciando,
Rasgando as almas que nas sombras tremem.

Cruz e Sousa (V.O.)

Vozes veladas, veludas vozes,
Volúpias dos violões, vozes veladas,
Vagam nos velhos vórtices velozes
Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas.

Nestor Vítor

Que céu, que inferno, que profundo inferno,
Que ouros, que azuis, que lágrimas, que risos,
Quanto magoado sentimento eterno
Nesses ritmos trêmulos e indecisos...

Virgílio Várzea

Que anelos sexuais de monjas belas
Nas ciliciadas carnes tentadoras,
Vagando no recôndito das celas,
Por entre as ânsias dilaceradoras...

(segue)

Oscar Rosas

Que procissão sinistra de caveiras,
De espectros, pelas sombras mortas, mudas...
Que montanhas de dor, que cordilheiras
De agonias aspérrimas e agudas.

Tibúrcio de Freitas

Toda essa labiríntica nevrose
Das virgens nos românticos enleios;
Os ocasos do Amor, toda a clorose
Que ocultamente lhes lacera os seios;

Cruz e Sousa (V.O.) (repete)

Vozes veladas, veludas vozes,
Volúpias dos violões, vozes veladas,
Vagam nos velhos vórtices velozes
Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas.

Seqüência XXV

Exterior. Dia. Varanda.

Olhando para o mar à sua frente, vemos a ex-noiva Pedra Antióquia entoando trechos do mesmo canto de amor em iorubá da Seqüência VI. Em tom choroso, ela põe-se a dizer o poema "Ilusões mortas".

Pedra Antióquia
Os meus amores vão-se mar em fora,
E vão-se mar em fora os meus amores,
A murchar, a murchar, como essas flores
Sem mais orvalho e a doce luz da aurora.

E os meus amores não virão agora,
Não baterão as asas multicolores,
Como aves mansas - dentre os esplendores
Do meu prazer, do meu prazer de outrora.

(segue)

Pedra Antióquia (cont.).
Tudo emigrou, rasgando a esfera branca
Das ilusões, - tudo em revoada franca
Partiu - deixando um bem-estar saudoso

No fundo ideal de toda a minha vida,
Qual numa taça a gota indefinida
De um bom licor antigo e saboroso.

Seqüência XXVI

Interior. Noite. Sala de casa.

Tentando escrever com o lusco-fusco da vela, tossindo, suado, tomando goles de café, Cruz e Sousa, o rosto amargurado, barba por fazer, tenta escrever uma carta com bastante dificuldade.

Cruz e Sousa
"Meu Nestor Vítor, não sei se estará chegando
realmente o meu fim; - mas
hoje pela manhã tive uma síncope tão
longa que supus ser a morte. No
entanto, ainda não perdi nem perco
de todo a coragem. Há 15 dias tenho tido uma
febre doida, devido, certamente, ao
desarranjo intestinal
em que ando.
Mas o pior, meu velho, é que estou
numa indigência horrível, sem vintém
para remédios, para leite, para nada,
para nada! um horror! Minha mulher
diz que eu sou um fantasma, que

anda pela casa!"

Seqüência XVII

Interior. Dia. Quarto da casa.

Vemos Cruz e Sousa prostrado numa cama, tossindo muito. Gavita grávida é cheia de desvelos, trazendo toalhas, recolhendo livros e papéis do chão. Os filhos brincam por ali. Recolhendo-se a um canto do quarto, Gavita, põe-se a sussurrar estrofes do poema "Anima Mea":

Gavita

Ó minh'alma, ó minh'alma, ó meu Abrigo,
Meu sol e minha sombra peregrina,
Luz imortal que os mundos ilumina
Do velho Sonho, meu fiel Amigo!

.....
De onde é que vem tanta esperança vaga,
De onde vem tanto anseio que me alaga,
Tanta diluída e sempiterna mágoa?

Ah! de onde vem toda essa estranha essência
De tanta misteriosa Transcendência,
Que este olhos me deixa rasos de água?!

Seqüência XXVIII

Interior. Noite. Mesmo quarto.

Cruz e Sousa é surpreendido na cama por uma estranha voz que vem de uma parede fortemente iluminada.. Ele põe-se a roçar os ouvidos nela e se dá conta que é a sua própria voz. Ouve estrofes esparsas do poema "Tuberculosa".

Cruz e Sousa (V.O.)

A enfermidade vai-lhe, palmo a palmo,
Ganhando o corpo, como nun terreno...
E com prelúdios místicos de salmo
Cai-lhe a vida em crepúsculo sereno.

Jamais há de ela ter a cor saudável
Para que a carne do seu corpo goze
Que o que tinha esse corpo de inefável
Cristalizou-se na tuberculose.

Foge ao mundo fatal, arbusto débil,
Monja magoada dos estranhos ritos,
Ó trêmula harpa soluçante, flébil,
Ó soluçante, flébil eucaliptus..

Seqüência XIX

Exterior. Entardecer. Dunas.

No seu delírio Cruz e Sousa vê a ex-noiva Pedra Antióquia, inteiramente nua, correndo sobre dunas de areia em sua direção. Enquanto ele a observa de pé, também inteiramente desnudo, Pedra surge rastejando como uma serpente provocando-o com sorrisos e olhares erotizantes. A câmara procura traduzir o delírio verbal que explode em Cruz e Sousa. (estrofes dos poemas "Rosa Negra", "Boca", "Aspiração" e "Seios"). Suas palavras alternam entre serem ditas em sincro ou fora de cena, ou simultaneamente como se fora um coro da mesma voz. A câmara literalmente "esfrega-se" no corpo de Pedra Antióquia.

Cruz e Sousa (O.S.)
Flor do delírio, flor do sangue estuoso
Que explode, porejando, caudaloso,
Das volúpias da carne nos gemidos.

Rosa negra da treva, Flor do nada,
Dá-me essa boca acídula, rasgada,
Que vale mais que os corações proibidos!

.....
Boca viçosa, de perfume a lírio,
Da límpida frescura da nevada,
Boca de pompa grega, purpureada,
Da majestade de um damasco assírio.

depois contorna demoradamente os seios, as axilas...

.....

(segue)

Cruz e Sousa (O.S.) (cont.)
Quisera ser a serpe veludosa
Para, enroscada em múltiplos novelos,
Saltar-se aos seios de fluidez cheirosa
E babujá-los e depois mordê-los...

.....
Ó seios virginais, tálamos vivos
Onde do amor nos êxtases lascivos
Velhos faunos febris dormem sonhando...

descendo para o umbigo e num movimento dela, detém-se nas nádegas. Finalmente, a partir de um ângulo baixo nas pernas entreabertas, colado às coxas, a câmara vai - muito lentamente - se aproximando do triângulo pubiano (que se transforma numa esvoaçante macega) e sobre ele põe-se a rodar sem parar. Ofegante, Cruz e Sousa não pára de descrever poeticamente a paisagem da tela. Tem-se a sensação que atinge o orgasmo.

Cruz e Sousa
... E que a tua vulva veludosa, afinal! Vermelha,
acesa e fuzilante como
forja em brasa, santuário sombrio
das transfigurações, câmara mágica
das metamorfoses, crisol original das genitais
impurezas, fonte tenebrosa
dos êxtases, dos tristes, espasmódicos suspiros e
do Tormento delirante da Vida...

.....

...

... que a tua vulva, afinal, vibrasse

vitoriosamente o ar com as trompas
marciais e triunfantes da apoteose
soberana da Carne!

Seqüência XXX

Interior. Noite. Quarto.

Cruz e Sousa encontra-se na cama acordando do sonho quando ouve suaves acordes de violino. No outro extremo do quarto, vai surgindo -encimada numa espécie de pedestal - a menina violonista Giuletta Dionesi. Fitando-o nos olhos, ela executa uma melodia para ele, que logo a reconhece e explode em lembranças, tartamudeando estrofes dos poemas "Giuletta Dionesi" e "À Giuletta Dionesi"

Cruz e Sousa
Ah! Giuletta!
Ah! peregrina do país do sonho
Flor luminosa da região sonora
No teu suave coração risonho
Vibram triunfantes os clarins da aurora.

.....
Para a tua alma delicada e doce
eu estas rosas delicadas trouxe
Trouxe-te rosas, divinal criança,
para te perfumarem d'esperança

Rosas que são toda a minh'alma acesa,
no teu mavioso violino presa.

Rosas com que eu te aplaudo os grandes rastros,
porque não tenho pássaros nem astros.

Terminado o poema, a imagem da menina se desvanece e voltamos para Cruz e Sousa que, subitamente, retomando o brilho dos olhos, e começa a tirar a roupa enquanto diz o poema "Dilacerações":

Cruz e Sousa
Ó carnes que eu amei sangrentamente,
Ó volúpias letais e dolorosas,
Essências de heliotrópios e de rosas
De essência morna, tropical, dolente...

Carnes virgens e tépidas do Oriente
Do Sonho e das Estrelas fabulosas,
Carnes acerbadas e maravilhosas,
Tentadoras do sol intensamente...

Passai, dilaceradas pelos zelos,
Através dos profundos pesadelos
Que me apunhalam de mortais horrores...

(segue)

Cruz e Sousa (cont.)
Passai, passai, desfeitas em tormentos,
Em lágrimas, em prantos, em lamentos,
Em ais, em luto, em convulsões, em dores...

Seqüência XXXI

Interior. Noite. Quarto.

Corta para os amigos de Cruz e Sousa, Nestor Vítor, Virgílio Várzea, Oscar Rosas, Araújo Figueiredo, Maurício Jubim (desenhando Cruz e Sousa) e Tibúrcio de Freitas, cercando seu leito, “tomam-lhe” a palavra depois que é surpreendido por um violento acesso de tosse, seguido de escarros de sangue. Todos se comportam como se estivessem dando entrevista, fitando a câmara. Trechos de cartas, escritas e/ou recebidas por Cruz de Sousa servem como diálogo.

Araújo Figueiredo

"Lancinado, com o coração sangrante como uma facada virgem, passei os olhos triste pela tua carta. Acredito religiosamente, como sempre, no que nesta carta branca me disseste, no que nessa carta a tua alma afetuosíssima tão...

Nestor Vítor

...claramente fotografou. É mesmo assim, é mesmo assim a vida intelectual neste país de safardanas...

Cruz e Sousa

Hei de morrer logo, mas hei de deixar nome!

Tibúrcio de Freitas

Que os meus braços amigos te apertem bem de encontro ao meu coração, no momento em que receberes estas linhas saudosas. Mas escrevo-tas, meu querido irmão, com a alma dilacerada de angústias, porque me vejo morrer aos poucos...

Oscar Rosas

Já vês, pois, meu querido, que todo mundo é assim: em Santa Catarina, no Rio de Janeiro, em Paris, em Londres, em Berlim, em S.Petesturgo, em Roma, e New York, etc., tudo é o mesmo... o mérito sempre encontra a infâmia, a descompostura, a inveja.(...)

Cruz e Sousa

Hei de morrer logo, mas hei de deixar nome!

Virgílio Várzea

Isto aqui, dia-a-dia, dinamiza-se mais. Já
nem tenho jeito para viver.
De repente embarco-me aqui sem destino,
para todos os pontos do mundo, que sei eu.
... Meu Cruz,
estou farto. Esta terra...

Araújo Figueiredo
... está abaixo da merda e o seu
povo muito mais ainda. Não sei
em que irá parar isto. Adeus.
Deito-me nos teus braços.

Corta para Cruz e Sousa no fundo da cama encarando os amigos num tom quase
inaudível:

Cruz e Sousa
Não imaginas o que se tem passado
por meu ser, vendo a dificuldade
tremendíssima, formidável em que
está a vida no Rio de Janeiro.(...)
Todas as portas e atalhos fechados
(segue)

Cruz e Sousa (cont.)
ao caminho da vida... Hei de morrer
logo, mas hei de deixar nome."

Seqüência XXXII

Interior. Dia. Poço.

Cruz e Sousa encontra-se afundado num poço, age como se estivesse preso,
debatendo-se para sair. Olhando para a câmara, faz candente balanço existencial.
São trechos da prosa poética "O Emparedado".

Cruz e Sousa
... Mas, que importa tudo isso?! Qual é a cor
da minha forma, do meu sentir?
Qual é a cor da tempestade de
dilacerações que me abala? Qual a
dos meus sonhos e gritos? Qual a
dos meus desejos e febre?
Artista?! Loucura! Pode isso ser se tu vens
dessa longínqua região desolada, lá do fundo
exótico dessa África
sugestiva, gemente!
Não! Não! Não! Não transporás os pórticos
milenários da vasta
edificação do Mundo, porque atrás
de ti e adiante de ti não sei quantas gerações
foram acumulando, acumulando pedra sobre
pedra,
pedra sobre pedra, que para aí
estás agora o verdadeiro emparedado de uma
raça.
Se caminhares para a direita baterás

e esbarrarás ansioso, aflito, numa parede horrendamente incomensurável de Egoísmos e Preconceitos!
Se caminhares para a esquerda, outra parede, de Ciências e Críticas, mais alta do que a primeira, te mergulhará profundamente no espanto!
Se caminhares para a frente, ainda nova parede, feita de Despeitos e Impotências, tremenda, de granito, bruscamente se elevará ao alto! Se caminhares, enfim, para trás, ah! ainda, uma derradeira parede, fechando tudo, fechando tudo horrível! - parede de Imbecilidade e Ignorância, te deixará num frio espasmo de terror absoluto...
E, mais pedras, mais pedras se sobreporão às pedras já acumuladas, mais pedras, mais pedras... Pedras dessas odiosas, caricatas fatigantes Civilizações e Sociedades... Mais pedras, mais pedras! E as estranhas paredes hão de subir - longas, negras, terríficas! Hão de subir, subir, subir mudas, silenciosas, até às Estrelas, deixando-te para sempre perdidamente alucinado e emparedado dentro do teu Sonho...

Seqüência XXXIII

Exterior. Dia. Estação.

Cruz e Sousa e Gavita (grávida) preparam-se para pegar o trem. Com eles, despedindo-se o fiel amigo Nestor Vítor. Amparado pela mulher, é notável a debilidade do poeta, a decadência da sua roupa. Soçobrando todos os livros que publicou e viria a publicar *post mortem*, Cruz e Sousa estende-os para Nestor Vítor, que compreende do que se trata.

Cruz e Sousa
Meu doce amigo, aqui está tudo
que consegui escrever... É tudo seu... Estou
sem forças...

Enquanto o trem vai se afastando, com Nestor Vítor na plataforma, ouvem-se estrofes dos poemas "A Morte" e "Pacto de Almas" (Para Sempre!).

Nestor Vítor
Oh! que doce tristeza e que ternura
No olhar ansioso, aflito dos que morrem...
De que âncoras profundas se socorrem
Os que penetram nessa noite escura!

Cruz e Sousa debruçado na janela do trem parece estar ouvindo o amigo lhe endereçando seus próprios versos premonitórios. E trocando um último olhar com ele, põe-se a respondê-lo "sem palavras".

Cruz e Sousa (V.O.)
Ah! para sempre! para sempre! Agora

Não nos separaremos nem um dia...
Nunca mais, nunca mais, nesta harmonia
Das nossas almas de divina aurora.
A voz do céu pode vibrar sonora
Ou o Inferno a sinistra sinfonia,
Que num fundo de astral melancolia
Minh'alma com a tu'alma goza e chora

Nestor Vítor

Para sempre está feito o augusto pacto!
Cegos seremos do celeste tato,
Do Sonho envoltos na estrelada rede,

Cruz e Sousa

E perdidas, perdidas no Infinito
As nossas almas, no Clarão bendito,
Hão de enfim saciar toda esta sede...

Nestor Vítor (repete)

E perdidas, perdidas no Infinito
As nossas almas, no Clarão bendito,
Hão de enfim saciar toda esta sede...

Seqüência XXXIV

Exterior. Entardecer. Farol do mar.

Com lágrimas no olhar perdido, encarando a vastidão do oceano, Cruz e Sousa dirigindo-se ao horizonte do mar à sua frente dramatiza versos do poema "Esquecimento". A sensação de solidão aumenta à medida que a câmara se afasta até enquadrar o personagem de longe, do ponto de vista de um helicóptero em vôo circular sobre o farol.

Cruz e Sousa (V.O.)

Rio do esquecimento tenebroso,
Amargamente frio,
Amargamente sepulcral, lutuoso,
Amargamente rio!

Ó meu verso, ó meu verso, ó meu orgulho,
Meu tormento e meu vinho,
Minha sagrada embriaguez e arrulho
De aves formando ninho.

Ó meu verso, ó meu verso soluçante,
Meu segredo e meu guia,
Tem dó de mim lá no supremo instante
Da suprema agonia.

Não te esqueças de mim, meu verso insano,
Meu verso solitário,
Minha terra, meu céu, meu vasto oceano,
Meu templo, meu sacrário.

Rio do esquecimento tenebroso,
Amargamente frio,

Amargamente sepulcral, lutuoso,
Amargamente rio!

Seqüência XXXV

Exterior. Noite. Rua.

Desfile da ESCOLA DE SAMBA COPA LORD, de Florianópolis, cujo enredo é a vida-e-obra de Cruz e Sousa. No meio das alas que evoluem ao som do samba-enredo, vai surgindo a figura de Cruz e Sousa, elegantemente trajado. Ao final da música, o ator "desincorpora-se" do personagem com um sorriso para a câmara. É a celebração do poeta que, cem anos depois de sua morte, continua vivo na lembrança do povo.

Coro

"Coração abre as portas à poesia
e viaja nas rimas do nosso poeta maior
voa e revoa entre as estrelas de ternura
e se apaixona
por esse mundo de emoções e fantasias

São belezas eternas em versos e prosas
loucura divina
segredos da alma
florescem no peito do artista
e deságua nas águas
da extrema desventura
herói moral da nossa literatura

Lua, luar
encanta o amor
por Gavita bela negra flor

Velho vento, violões que choram, vesperal
sonata, recolta de estrelas a ressurreição
obras de um poeta iluminado
Cruz e Sousa és luz de inspiração
astro noturno, desterro é teu chão

Lá vem a Copa Lord aí
feliz
dando um banho de cultura em meu
país
cantando em harmonia seu Carnaval
com o Cisne Negro universal."

FIM